
A cobertura jornalística da crise da Venezuela pelo Nexo Jornal e por O Estado de S. Paulo e a influência de aspectos temporais e tecnológicos¹

João Pedro Malar Massa²

Eun Yung Park³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O artigo aborda uma pesquisa baseada na análise das coberturas dos jornais O Estado de S. Paulo e Nexo Jornal de três episódios da crise da Venezuela nos anos de 2018 e 2019. O objetivo foi estudar os impactos da internet, o uso de elementos do jornalismo internacional, como enviados especiais e agências de notícias, e diferenças entre os jornais a partir do conceito de jornalismo lento. Nesse sentido, realizou-se uma revisão de bibliografia, entrevistas com profissionais que participaram das coberturas e a análise de 178 matérias. Notou-se que as coberturas foram semelhantes, com a do O Estado de S. Paulo usando mais elementos do jornalismo digital conforme os episódios ocorreram. Os principais conteúdos exclusivos do primeiro veículo vieram, principalmente, do emprego de enviados especiais. Já no Nexo Jornal, o diferencial veio do foco em contextualização, principalmente histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo internacional; Venezuela; Nexo Jornal; O Estado de S. Paulo; Jornalismo lento

Introdução

Associada a uma espécie de janela para os acontecimentos em outros países, e tradicionalmente mais focada em contextualização e explicação, a área de jornalismo internacional costuma estar presente nas redações de jornais. Mesmo sendo uma editoria com amplo histórico no jornalismo — Natali (2004), por exemplo, considera que o jornalismo surgiu já trabalhando nessa área —, ela ainda tem um certo estigma até hoje, com uma associação ao trabalho de tradução de material de agências de notícias, que é uma parte do trabalho de um jornalista da editoria, mas não o todo.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Jornalismo da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: joaopedromalar@usp.br

³ Professora do curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo (USP) e orientadora da pesquisa. E-mail: eypark@usp.br

Assim como as demais áreas do jornalismo, ela sofreu cortes e alterações em meio à chegada da internet nas redações. A pesquisa abordada buscou analisar de que forma o jornalismo internacional é praticado atualmente, levando em consideração, em especial, como a internet influencia esta prática e como ocorre o uso de elementos mais “tradicionais” da área, como os enviados especiais e as agências de notícias.

Buscou-se entender, também, como veículos jornalísticos mais novos, os chamados nativos digitais, fazem essa cobertura, pois eles surgiram em um contexto diferente dos jornais tradicionais e têm modos de funcionamento e produção também diferentes. Por isso, optamos por analisar essas áreas do ponto de vista teórico, mas também comparar teoria e prática, ao analisar como um tema de relevância social e acadêmica foi abordado na cobertura do jornalismo internacional.

Assim, o tema escolhido foi a crise política e econômica que a Venezuela enfrenta desde a década de 2010, com foco em três episódios específicos entre 2018 e 2019. Já os veículos escolhidos para a análise foram o jornal O Estado de S. Paulo, parte de uma mídia mais tradicional que migrou para o meio digital, e o Nexo Jornal, representando os veículos nativos digitais.

O processo envolveu a seleção, resumo, descrição e análise de 178 matérias publicadas pelos jornais, divididas em: anterior ao acontecimento analisado, em meio ao acontecimento e após o acontecimento. A pesquisa também contou, além da revisão de bibliografia, com entrevistas de profissionais envolvidos na cobertura: João Paulo Charleaux, do Nexo, e Rodrigo Cavalheiro, do Estadão.

Para a análise das matérias, levou-se em conta o uso de hiperlinks, presença de recursos multimídia (galerias, vídeo, infografia), emprego de correspondente, enviado especial ou freelancer, aproveitamento de materiais de agências de notícias e referência a outros jornais, sejam eles brasileiros, venezuelanos ou de outros países.

Por fim, buscamos estudar de que modo a classificação do Nexo Jornal como um veículo que pratica o Jornalismo Lento, ou Slow Journalism, afetou na cobertura em relação ao O Estado de S. Paulo, que possui um ritmo intenso de produção. Esse tipo de jornalismo, teoricamente, não se prende à velocidade como fator principal, privilegiando a qualidade em relação ao chamado furo jornalístico, cuja priorização é criticada por defensores dessa prática (Prazeres, 2018).

Bases teóricas para a análise

Um tópico de análise importante para a pesquisa foi a do jornalismo lento. Consideramos o jornalismo lento como um movimento que defende a desaceleração do jornalismo, criticando a produção rápida e instantânea no ambiente digital (Le Masurier, 2014). Para a autora, os defensores dessa prática não buscam o fim do jornalismo tradicional, acelerado pela internet, mas a coexistência de um jornalismo rápido com um lento.

O efeito negativo da velocidade intensa na produção jornalística é o centro da crítica dos defensores dessa lentidão, pois, para eles, a pressa por “dar o furo” leva a menos apuração e abre margem para erros nos relatos produzidos, além de uma falta de diversidade nos temas abordados por jornais e também perdas no processo de apresentação de contexto para o leitor, na construção de narrativas e da possibilidade de reflexão sobre os conteúdos, pensando tanto em consumidores quanto em produtores.

Le Masurier (2014) considera, porém, que o jornalismo lento vai além de defender que o jornalismo tenha um tempo apropriado para sua produção, algo que, segundo ela, sempre existiu na atividade, com a criação de diferentes produtos em velocidades diferentes, como grandes reportagens, livros-reportagem, revistas e outros. Cabe destacar ainda que até internamente, nos jornais, seria possível encontrar editoriais ou setores mais lentos que outros, caso de áreas ligadas ao jornalismo investigativo.

Por isso, a autora (2014) defende que o jornalismo lento está ligado à produção de histórias que recebem pouca atenção da mídia tradicional, uma maior transparência com o leitor e uma priorização na qualidade das matérias publicadas, e não na quantidade ou velocidade. Assim, abandona-se o “fetiche do furo” (Prazeres, 2018, p. 132). A autora observa que o jornalismo lento é sempre “lento em relação a algo” (Prazeres, 2018, p. 133).

Como Le Masurier (2014) ressalta, um veículo de jornalismo lento não precisa ter todas as características dessa prática para realizá-la. O motivo seria que o jornalismo lento é uma orientação crítica sobre os efeitos da velocidade na prática do jornalismo e uma experimentação em publicações mais lentas, de menor escala.

Além do jornalismo lento, outro elemento importante para basear as análises é o jornalismo internacional. Natali (2004) associa a editoria de Internacional nos jornais com a

função de produzir notícias referentes à política internacional. Sobre as origens da área, o autor afirma que elas estão ligadas às do jornalismo em si, no século XVI, na Europa Ocidental. Ele considera que diversas práticas e elementos do jornalismo internacional foram desenvolvidas no século XIX, e continuam a existir até os dias de hoje. Foi nesse período que surgiram as primeiras agências de notícia, organizações inicialmente criadas pela união de jornalistas, o chamado pool, de diferentes veículos para produzirem conteúdo para vários jornais diferentes.

Todas as agências têm o objetivo de produzir conteúdo jornalístico - que pode ser em texto, imagem, vídeo ou áudio -, que é vendido e publicado por outros veículos jornalísticos. O conteúdo também pode ser adaptado, ou o jornal pode usar apenas parte dele.

A importância das agências de notícias está no fato de permitirem que veículos sem condições financeiras para enviar correspondentes ou enviados ou contratar jornalistas de um local para cobrir um evento ainda possam publicar notícias sobre o acontecimento. Porém, elas acabam atuando como uma concorrência, nos jornais, em relação à decisão de enviar um correspondente, enviado especial ou contratar um jornalista freelancer, como defende Natali:

As agências deram viabilidade econômica ao noticiário internacional, texto distribuído a centenas de jornais que assinam os serviços de uma agência sai incomparavelmente mais barato que um texto produzido por um correspondente ou enviado especial cujos custos são cobertos inteiramente por um jornal ou por uma revista. O correspondente ou o enviado especial passou a ser um diferencial de peso, mas não o arroz-com-feijão do noticiário. (NATALI, 2005, p.18)

Para Paterson (2007) há, hoje, uma dependência maior pelos jornais das grandes agências de notícias, com uma replicação maior do conteúdo das mesmas e pouca diversidade de conteúdo, criando um cenário contraditório. Apesar de haver uma grande diversidade de possíveis fontes de informação para produção de conteúdo, acessíveis pela internet, as quedas nas receitas e o pouco capital disponível para investimentos levam os veículos a focar em uma reprodução, edição e combinação do conteúdo de agências.

Haveria a possibilidade de uma maior diversidade de conteúdos produzidos e em circulação, mas essa escolha leva a uma homogeneização (AGNEZ, 2017) do material que é publicado. Isso também liga-se à busca de ter o conteúdo que aparece na concorrência

(PATERSON, 2007). A exceção ocorre quando há produção própria, por meio dos correspondentes internacionais.

Já sobre a figura do correspondente internacional, Agnez (2017) trabalha com uma “Tipologia da Correspondência Internacional”, com a diferenciação dos tipos de jornalistas que cobrem, para um veículo de um país, acontecimentos de outros países. A autora parte das definições de Hamilton e Jenner (2004), que consideram que a figura do correspondente tradicional, que passa um longo período de tempo em outro país, decaiu em uso devido aos altos custos que demanda, e foi substituído por outros tipos de correspondentes. Com isso, a autora apresenta os seis tipos diferentes e mais recentes de correspondentes.

O primeiro é dos *enviados especiais*, ou jornalistas paraquedas, um correspondente enviado por um jornal para cobrir um determinado acontecimento de outro país em um curto prazo e que retorna para o país de origem após a cobertura. O segundo é dos *foreign foreign correspondents*, cidadãos estrangeiros, em relação ao veículo jornalístico, que são contratados para cobrir os acontecimentos do país ou região onde vivem.

O terceiro tipo é o *foreign local correspondent*, jornalistas locais de um veículo local que produzem conteúdos que podem ser acessados de todo o mundo, geralmente pela internet.

Outros dois tipos são os *premium foreign correspondents* e os *in-house foreign correspondents*. Os primeiros seriam analistas, especializados em uma determinada área. Já os segundos produzem conteúdos para um segmento particular do mercado.

O *local foreign correspondent* é um jornalista que cobre um outro país ou região a partir do seu país de origem, podendo utilizar materiais vindos de relatórios, redes de televisão de outros países e também a internet. A autora aponta que esse tipo de correspondente tem sido cada vez mais usado nas redações. Por fim, há os *citizen foreign correspondents*, que seriam pessoas comuns, nativas de um país, que produzem conteúdos sobre um acontecimento nesse local e o disponibilizam na internet, produzindo, indiretamente, conteúdo que pode ser aproveitado por veículos de outros países.

Agnez (2017) defende que os correspondentes são um elemento importante para atingir os objetivos da imprensa de ter uma cobertura autoral e de qualidade, com um diferencial competitivo em relação aos outros jornais do país. O correspondente tradicional seria alguém que iria testemunhar, contextualizar e interpretar os acontecimentos influenciado

pela cultura e história de seu país de origem, o que poderia facilitar a transmissão dos acontecimentos e sua contextualização por meio de referências a essa cultura.

A divisão de Hamilton e Jenner já leva em conta os tipos de atuação de correspondentes que ligam-se à internet. Natali (2004) também fala sobre as alterações que a internet trouxe à rotina produtiva do jornalista da área de internacional, destacando a possibilidade de acesso a fontes especialistas, além de fontes e informações do local de origem de um acontecimento sem o intermédio das agências de notícia. Ou seja, há uma convergência entre a descrição do *local foreign correspondent* com a do repórter de uma editoria de internacional padrão, cuja cobertura é feita via internet.

O autor ainda opina que a internet não substitui a existência de uma rede qualificada de correspondentes, mas ajuda a compensar uma possível falta dessa rede, por exemplo, por questões financeiras. Além disso, as mudanças com o surgimento do chamado jornalismo digital oferecem novas potencialidades a partir do uso da internet. Para a pesquisa, duas potencialidades importantes que foram notadas na análise foram as de hipertextualidade e multimídia.

A multimídia, Salaverría (2014) aponta que ela está ligada à combinação de linguagens, pensando na possibilidade de combinar textos, vídeos, áudios, imagens fixas, imagens em movimento e outros formatos dentro de um conteúdo digital, permitindo, assim, incluir em um mesmo texto diversas formas de trazer mais informações e contexto para o público.

Em especial ligada à hierarquização, o autor aponta três tipos de multimídia: multimídia por justaposição (um elemento aparece junto com outro, como legendas em um vídeo), por coordenação (uma linguagem informativa múltipla, que coordena, equilibra, diversos elementos multimídia) e por subordinação (há um elemento principal, geralmente o texto, com elementos secundários se sujeitando a ele).

Já a hipertextualidade é a capacidade de “ligar textos digitais entre si” (SALAVERRÍA, 2005, p. 30 apud CANAVILHAS, 2014), permitindo associar blocos informativos, como textos, imagens, vídeos e áudios, e dando uma liberdade para o leitor traçar sua própria jornada de leitura, com a possibilidade de seguir links para outros sites e conteúdos que são colocados no texto (CANAVILHAS, 2014) para aprofundar informações.

Considerações sobre as coberturas

Na década de 2010, e em especial a partir de 2015, a Venezuela passou por uma crise econômica e, posteriormente, política. Dependente da exportação de petróleo, o país foi afetado pela desvalorização do produto na última década, o que, aliado a um endividamento ao realizar investimentos em áreas sociais, levaram à crise econômica. A consequência desse cenário foi o fortalecimento da oposição ao governo de Nicolás Maduro, que assumiu o poder em 2013 após a morte de Hugo Chávez. A escolha de analisar a cobertura sobre essa crise deu-se, principalmente, pela proximidade com o Brasil e importância regional.

Sobre os objetos de pesquisa, o Nexo Jornal foi fundado em novembro de 2015, sendo um veículo nativo digital, ou seja, já criado no meio digital e exclusivo do mesmo, não realizando uma transição do impresso para o meio digital como o Estadão.

Já o jornal O Estado de S. Paulo, ou Estadão, é um dos mais antigos do Brasil, fundado em 4 de janeiro de 1875. Até pelas condições tecnológicas da época, era exclusivamente impresso. Ele ganhou um portal online em 28 de maio de 2000, e é historicamente reconhecido pelo foco na cobertura internacional, em especial no século XX, como destacou Natali (2004).

Sobre as matérias analisadas⁴, foram incluídas as produzidas pelo Nexo antes e depois do acontecimento que fazem referência ao tema e publicadas no mesmo mês. Já no caso do Estadão, pensando no ritmo de produção e quantidade de notícias publicadas, foram selecionadas as publicações de apenas três dias antes e três dias depois de cada evento.

Foram escolhidos três episódios de análise entre 2018 e 2019, pela relevância no contexto de crise no país: a eleição presidencial de 2018, com a vitória de Nicolás Maduro, a autoproclamação de Juan Guaidó como presidente do país em 2019 e a sua tentativa, no mesmo ano, de tirar Maduro do poder no país.

Em geral, os dois veículos tiveram abordagens semelhantes, apresentando o acontecimento, o contexto por trás dele, desdobramentos e atualizações nos dias seguintes e a reação internacional. Entretanto, o Nexo fez isso em menos matérias que o Estadão, com textos mais longos e que tinham um aprofundamento histórico maior. Foi citado, por

⁴ A relação com as notícias analisadas de cada veículo pode ser acessada neste link: <https://docs.google.com/document/d/10ej7ripXnafAXmXSQepNEjU-giEkgsAa1IRGwr4C7nU/edit?usp=sharing>

exemplo, o desempenho da oposição venezuelana nas eleições estaduais de 2017, que em nenhum momento foi citada pelo Estadão. Um tema melhor abordado foram as críticas da oposição venezuelana a Guaidó, visto por alguns setores como “socialista” e mais alinhado a Maduro, uma divisão que não foi trabalhada pelo Estadão.

Outro tema melhor abordado foi a relação econômica dos Estados Unidos com a Venezuela, ligada ao petróleo, e como isso influenciou na crise do país. O Estadão chegou a fazer matérias sobre esse tema referentes à Rússia e China (também abordadas pelo Nexo), mas não falou sobre esse ponto em relação aos Estados Unidos, em que as referências de possíveis motivações para as ações do país durante a crise apontavam mais para as críticas a uma falta de democracia e violação de direitos humanos no país. A influência histórica dos Estados Unidos na América do Sul, inclusive a ligação com golpes militares na região, foi trazida pelo Nexo, mas não pelo Estadão.

Apesar disso, o Nexo fez um uso menor de entrevistas com especialistas. O Estadão produziu conteúdos que retrataram melhor os acontecimentos na Venezuela, sobretudo na primeira e terceira coberturas, graças à presença de enviados especiais que mostraram os efeitos práticos da crise para a população e a opinião quanto a Maduro e Guaidó.

As matérias do Estadão tinham algum grau de contextualização, geralmente menor nos conteúdos de agências de notícias, e mostraram com mais detalhes desdobramentos como reações internacionais, posicionamentos de políticos venezuelanos (tanto do governo quanto da oposição) conforme os acontecimentos se desenrolaram e repressão de manifestações.

Graças aos seus correspondentes, o Estadão conseguiu mostrar melhor a sequência de reações de países europeu e dos Estados Unidos, além das reações de figuras brasileiras. Cabe destacar que, no primeiro episódio, foram produzidas duas matérias com foco na reação brasileira. Já no segundo foram dez e, no terceiro, 21, com foco nos comentários do vice-presidente Hamilton Mourão e do presidente Jair Bolsonaro e nas reações do Partido dos Trabalhadores (PT). O fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil foi tema de matérias na segunda e terceira coberturas.

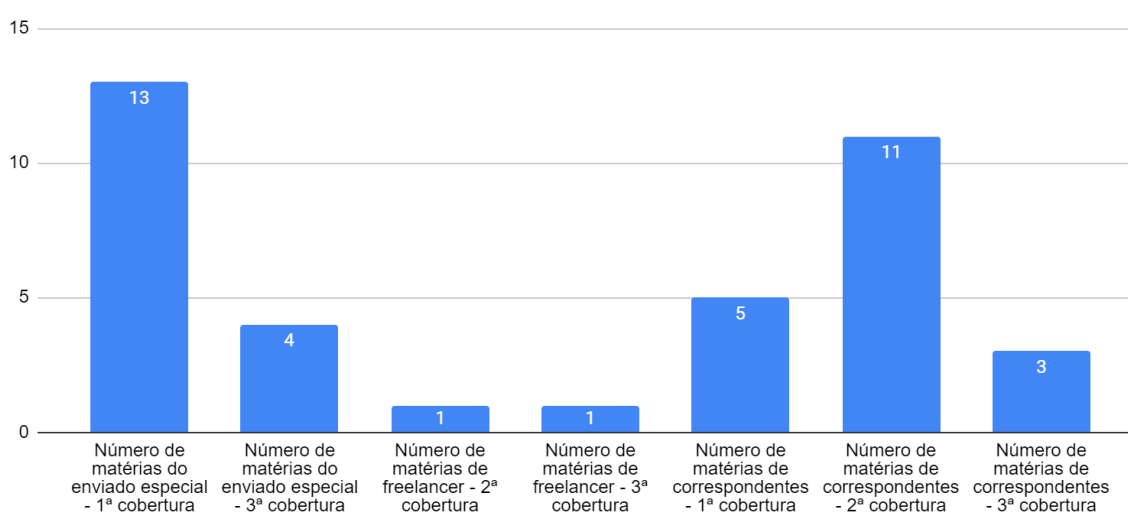
Ainda sobre o uso de correspondentes, enviados especiais e freelancers pelo Estadão, a primeira cobertura contou com uma produção maior de matérias pela enviado especial que a terceira. Esta última teve uma jornalista freelancer nativa do país, assim como a segunda cobertura. Notamos que o jornal ficou sem o seu correspondente na Europa na terceira

cobertura, o que levou a uma diminuição de matérias referentes à reação europeia à crise venezuelana, com conteúdo de agências preenchendo esse espaço, o que mostra que esse conteúdo em geral mais barato, acaba sendo usado como um substituto em meio à impossibilidade de ter um enviado especial ou correspondente. Nesses casos, a combinação do conteúdo de diferentes agências foi usada para produzir uma matéria diferenciada em relação a outros veículos que também acessam conteúdo de agências.

Além disso, foi possível verificar a conclusão de Agnez (2017) de que a quantidade de correspondentes internacionais tem caído em meio à crise econômica pela qual os jornais passam, levando ao emprego de alternativas. O Estadão optou pelo uso dos chamados enviados especiais e da categoria de *foreign foreign correspondents*. Em entrevista para a pesquisa, Rodrigo Cavalheiro disse que o emprego de um enviado especial ainda é caro para veículos jornalísticos, e há todo um processo de convencimento em relação à diretoria do jornal para conseguir autorização de envio de um jornalista.

Já no caso do Nexo, João Charleaux destacou o peso da questão financeira para a escolha de enviar um jornalista para conduzir coberturas. O jornal empregou os chamados *foreign local correspondents* ao utilizar jornais locais venezuelanos como fontes. Além disso, tanto o Estadão quanto o Nexo fazem uso dos chamados *local foreign correspondent*, algo que só é possível com a internet.

Matérias de enviados especiais, correspondentes e freelancers - Estadão



Fonte: Dados coletados pelo autor

Por ser um jornal com condições financeiras maiores que as do Nexo, a cobertura do Estadão teve enviados especiais, freelancers e correspondentes (na Europa e nos Estados Unidos), que produziram conteúdos que não estavam presentes nas agências de notícias. Esse diferencial da cobertura ficou ainda mais evidente na das eleições de 2018, em que o Estadão teve um enviado especial que produziu boa parte das matérias publicadas no período analisado. Assim, notamos que o investimento nesses profissionais faz sentido ao pensarmos na produção de conteúdos exclusivos para o jornal, um diferencial relevante para atrair e reter público.

O amplo alcance das agências foi notado não apenas no Estadão, mas também no Nexo Jornal, mas nesse caso de forma indireta. Como o jornal usa como fontes o conteúdo produzido por outros veículos, em alguns momentos eram referenciadas matérias que continham conteúdo de agência. Ou seja, esse conteúdo, em última instância, também chegou ao Nexo e influenciou a cobertura. A grande quantidade de material de agências foi observada na pesquisa, confirmando as ideias de Paterson (2007).

O Nexo soube aproveitar as potencialidades da internet, algo mostrado pelo uso de elementos multimídia e hiperlinks para aprofundar e contextualizar, a busca por documentos disponíveis na internet e a referência a jornais locais. Uma razão para isso pode ser o fato dele ser um veículo que já nasceu no ambiente digital.

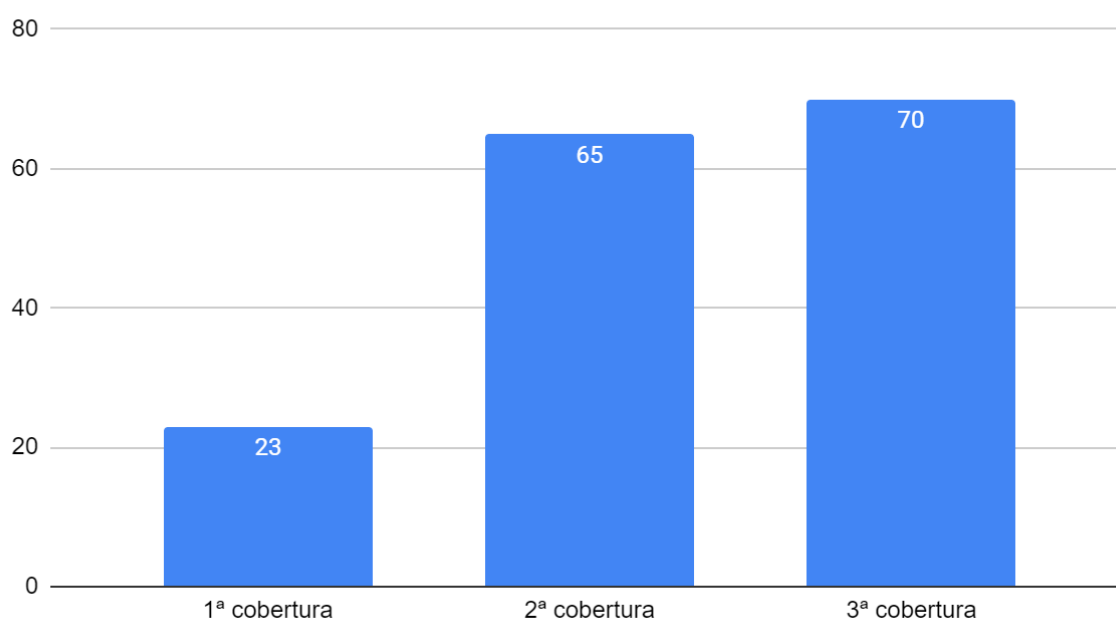
Na primeira cobertura, o Estadão ainda parecia estar “atrás” do Nexo nesse ponto, não usando hiperlinks, sem referência a veículos locais e com galerias como único conteúdo multimídia. Apesar disso, o jornal pareceu mais atualizado nas coberturas subsequentes, com uso de vídeos, gráficos, áudio, hiperlinks e uma referência, ainda que pequena, a veículos locais. A hipótese levantada na pesquisa é que essa mudança está ligada à chamada “Transformação Digital” que o jornal empregou a partir de 2018 e 2019, exatamente com o objetivo de tornar o veículo mais adaptado e inserido no meio digital.

No caso da primeira cobertura, os links direcionavam para os “Tudo Sobre”, parte do site que reúne todas as publicações sobre determinada palavra, a partir de um sistema de tags. Nas duas outras coberturas, além dos links para os “Tudo Sobre”, foram incluídos links para outras matérias que ou abordavam acontecimentos citados ou apresentavam contextualização para o leitor. Nesse sentido, foram empregadas as chamadas hiperligações de ampliação

informativa, que, segundo Canavilhas (2017) fazem a ligação a blocos de contexto fora da publicação, mas de informação contextual recente.

O aumento da multimídia nas matérias a partir da segunda cobertura faz sentido tendo em vista o incentivo do jornal a essa técnica de combinação de diferentes linguagens. Além disso, pode-se afirmar que o Estadão faz uso do que Salaverría (2014) classifica como multimídia por subordinação, com o texto como elemento principal.

Uso de elementos multimídia - Estadão



Fonte: Dados coletados pelo autor

Já na comparação com o Nexo Jornal, cabem duas observações. O jornal já usava a multimídia nas matérias de 2018, no caso vídeos e infográficos, além de hiperlinks, algo que o Estadão adotaria em suas matérias em maior quantidade apenas no ano seguinte.

Em segundo lugar, os hiperlinks do Nexo direcionam não apenas para matérias do próprio jornal sobre o tema, caso do Estadão, mas também para matérias de outros jornais que são citadas como fontes e para sites que guardam documentos e dados usados como fontes.

Assim, a combinação do emprego de correspondentes ou as variações descritas por Agnez (2017) e um bom aproveitamento das potencialidades da internet podem proporcionar o que Ferrari (2014) descreve como a forma de criar fidelidade em meio a um contexto em

que os fornecedores de conteúdo são os mesmos: “informação bem trabalhada, explorando ao máximo os recursos de hipermídia” (Ferrari, 2014, p. 50).

Por mais que a mudança possa ter demorado para acontecer, afinal veículos menores como o próprio Nexo já traziam essas características anteriormente, o fato do Estadão ter mais recursos, pessoal e infraestrutura permitiu que o jornal passasse a produzir elementos multimídia em quantidade maior que a do Nexo, indicando que o aproveitamento das potencialidades que a internet traz também está ligado às condições financeiras e de pessoal que um jornal tem.

Sobre a questão da temporalidade nas coberturas, Rodrigo Cavalheiro destacou, em entrevista para a pesquisa, que esse ritmo acelerado não significa que o Estadão tenha aberto mão da revisão de matérias e confirmação de informações para evitar erros, mesmo que isso signifique esperar mais um pouco para publicar algo, o que indica um equilíbrio entre o furo jornalístico e a tentativa de evitar erros.

A cobertura do Nexo foi a que mais se ligou a elementos do jornalismo lento: foi feita com a publicação de poucos textos, com foco em contextualização de acontecimentos, uma maior transparência a partir da possibilidade de acesso do leitor a fontes citadas nas matérias e multimídia. Elementos que enquadram o Nexo no campo do jornalismo lento, algo já apontado por Prazeres (2018), foram levantados por João Paulo Charleaux em entrevista: o foco em contextualização, a decisão de não buscar “dar o furo” e um ritmo de produção mais lento, em que se “gasta mais tempo naquele texto”.

Porém, apesar de Charleaux afirmar que “o que não dá certo é fazer algo do jornal diário no Nexo ou do Nexo no jornal diário”, foi possível encontrar matérias produzidas pelo Estadão que também têm elementos do jornalismo lento, em especial o conteúdo produzido por enviados especiais. Na segunda e terceira coberturas foram publicadas matérias que resumiam os acontecimentos do dia, contextualizando-os e tendo grande quantidade de recursos multimídias e referência de outras matérias via links.

Em geral, os conteúdos produzidos pelos enviados especiais também eram maiores, demandando mais tempo de produção, mais focados em contextualização e buscavam encontrar histórias não contadas e focadas em pessoas afetadas por problemas sociais, duas características citadas por Le Masurier (2014).

Além disso, a decisão do Nexo de utilizar outros jornais como fontes e referenciá-los via link é uma atitude não apenas mais transparente, mas também uma ação que pode estar ligada a uma perspectiva mais colaborativa da produção jornalística, menos focada na competição entre veículos, duas características levantadas por Le Masurier (2014). O Nexo se coloca como um veículo independente dos jornais tradicionais, outro elemento também comum dos veículos de jornalismo lento, mas suas matérias não tinham um teor investigativo, uma característica atribuída ao jornalismo lento.

Ele também se liga a elementos da produção lenta até pela infraestrutura e recursos em menor quantidade do que um jornal tradicional, o que impossibilita, por exemplo, trabalhar com enviados especiais ou assinar conteúdo de agências para publicação. Portanto, há uma conexão entre o jornalismo lento e as condições financeiras do jornal, com essa prática sendo mais apropriada para um veículo que já possui uma equipe menor e menos recursos e, ao mesmo tempo, servindo como diferenciação em relação a veículos maiores, uma forma de se destacar para possíveis consumidores.

Outro ponto interessante é que foi possível notar uma certa “aceleração” na cobertura do Nexo, no sentido de que a quantidade de matérias publicadas logo após o fato aumentou, assim como a temporalidade delas se encurtou. Na primeira cobertura, a primeira matéria se referindo ao acontecimento estudado foi publicada apenas no dia seguinte. Já na terceira, foram publicadas duas matérias ligadas ao acontecimento no mesmo dia em que ele ocorreu.

Foi possível apontar que a cobertura do Nexo foi inteiramente ligada às práticas do jornalismo lento, e que o Estadão teve partes de sua cobertura ligadas à prática. Porém, estavam inseridas em uma rotina de produção de alta velocidade, focada em dar a informação o mais rápido possível, até pela demanda do público. A contextualização era vista como parte importante da cobertura, mas, de certa forma, competia com a necessidade de publicação ágil, em geral feita por meio do conteúdo de agências de notícias. Como cabe ao jornalista lidar tanto com a edição e publicação de conteúdo de agências quanto com a realização de entrevistas e de matérias maiores e com mais contexto, caberia refletir sobre o efeito disso na cobertura, pensando em qualidade e na própria carga de trabalho dos jornalistas.

Cabe destacar que esse equilíbrio entre publicações mais factuais e as mais elaboradas e longas sempre existiu na prática jornalística, mas o ambiente digital, com a publicação e demanda por parte do público de notícias 24h por dia, complica ainda mais esse equilíbrio.

Assim, podemos considerar que um jornal tradicional pode incorporar elementos da rotina de produção do jornalismo lento, mas que isso demanda investimento financeiro e de pessoal. No caso do jornalismo internacional, as possibilidades apresentadas seriam via freelancers, enviados especiais ou correspondentes. O modelo adotado pelo Nexo oferece uma outra alternativa, em que o jornalista não precisaria necessariamente se locomover e realizar a cobertura a partir das possibilidades da internet, mas isso demanda a “retirada” do jornalista da cobertura mais ágil e uma produção de matérias em quantidade menor do que a diária de um veículo como o Estadão.

Considerações finais

Um dos focos da pesquisa era a relação entre velocidade e a produção jornalística dos dois jornais. Nesse aspecto, ficou evidente que elementos do jornalismo lento foram encontrados na cobertura do Estadão, em especial quando se analisou os conteúdos do enviado especial da primeira cobertura.

Assim, é possível considerar que esses dois tipos de jornalismo não se excluem, e conseguem conviver dentro de uma editoria de um jornal como o Estadão, algo que, na verdade, sempre existiu dentro do jornalismo. A dificuldade estaria em conciliar velocidades diferentes de produção: a das notícias diárias, menores, mais factuais, e as reportagens especiais, mais aprofundadas, focadas em contexto. Muitas vezes, é o mesmo jornalista que realiza as duas produções, por mais complexa que essa conciliação seja. O próprio Nexo é um jornal de jornalismo lento, mas mais rápido que outros veículos que se encaixam na prática, mostrando como a questão da velocidade é sempre dependente do referencial de comparação.

O foco em contextualização foi destacado nas entrevistas. No caso do Nexo havia mais tempo para realizar uma contextualização maior, mais completa e detalhada, o que também ocorreu no Estadão, mas em geral em matérias que resumiam os acontecimentos do dia. Assim, um tempo de produção maior parece permitir uma contextualização maior e melhor, um ponto favorável ao modelo do jornalismo lento. Novamente, a contextualização não parece ser impossível no jornalismo acelerado, mas depende mais das habilidades e conhecimentos pré-existentes do repórter responsável.

Apesar das críticas que o movimento do jornalismo lento realiza, a cobertura do Estadão não teve grandes erros ou inverdades, e a estrutura maior do jornal permitiu apresentar elementos e informações que não estavam presentes no Nexo. Já em relação à cobertura do Nexo, houve mais tempo para enriquecer notícias com informações históricas e de contexto que não apareceram no Estadão.

Notamos, também, como questões tecnológicas e de velocidade no ambiente digital, e as de uso de elementos mais característicos do jornalismo internacional, influenciaram não apenas cada jornal, mas também as coberturas de cada evento pelo Estadão.

Assim, foi possível considerarmos que o modelo do jornalismo lento pode ser empregado em um jornal tradicional, e que ele pode aprimorar a qualidade das produções graças à melhor condição financeira e recursos desses veículos, mesmo com uma situação financeira pior devido à crise atual do jornalismo. Assim, o jornalismo lento e o jornalismo acelerado não são necessariamente excludentes, mas sim complementares, trazendo resultados positivos quando bem aproveitados.

Referências

- AGNEZ, Luciane Fassarella. **Correspondente internacional: uma carreira em transição**. São Paulo. Appris, 2017.
- CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Labcom Books, 2014, p. 3-25.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- LE MASURIER, Megan. **What is Slow Journalism**. Taylor & Francis Online. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/29512804/What_is_Slow_Journalism. Acesso em: 14 jun. 2020.
- NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo. Contexto, 2004.
- PATERSON, Chris. International news on the internet: Why more is less. In: **Ethical Space: The International Journal of Communication Ethics**. Vol 4, n. 1, p. 57-66, 2007. Disponível em: http://www.communicationethics.net/journal/v4n1-2/v4n1-2_12.pdf. Acesso em: 31 mai 2020.
- PRAZERES, Michelle. Jornalismo lento – Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais. In: **Revista Fapcom**. São Paulo, v. 2, n. 4, jul./dez. 2018.
- SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Labcom Books, 2014, p. 25-53.